

HERMENÊUTICA E METAFÍSICA – DILTHEY E HEIDEGGER

GABRIEL VINÍCIUS RIBEIRO DA SILVA^{1*}, JERZY ANDRÉ BRZOWSKI^{1,2}

¹Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim; ²Grupo de Estudos em Epistemologia e Metafísica

*Autor para correspondência: Gabriel Vinicius Ribeiro da Silva (gvrs995@gmail.com)

1 Introdução

O problema da interpretação, como princípio hermenêutico, apresenta um caráter filosófico fundamental que se impugna metodologicamente o esclarecimento sistêmico empregado pelas ciências naturais, tendo como base a apreensão imediata dos dados sensitivos que expressam a nossa compreensão de mundo. Neste sentido, pode-se dizer que discussões filosóficas da atualidade se voltam especificamente a um conjunto de questões que envolvem tanto os limites quanto as possibilidades atribuídas à objetividade filosófica e científica das tendências clássicas, sendo estas questões resultantes das múltiplas conceituações que perfazem certos “domínios de território” consoantes a cada período histórico. Tais conceituações intentam, na maioria das vezes, a instauração de um regimento ontológico rigoroso, concebido como capaz de reduzir a realidade das coisas a princípios universais. Assim, o distintivo clássico da filosofia é garantido pela metafísica, sendo esta a responsável pelo fornecimento das bases essenciais para explicação da realidade como um todo. No entanto, o caráter geral desses princípios são contestados pela filosofia contemporânea, sendo portanto iniciado um processo de *retranscendentalização*.

Para o cumprimento desta exposição, serão apresentados alguns dos principais conceitos formulados por Wilhelm Dilthey e Martin Heidegger, que visam o confronto da hegemonia cíclica dos termos filosóficos e científicos de índole ontológica-objetiva. Assim, a metodologia utilizada pelos autores tende a demonstrar que tanto os conceitos tradicionais da filosofia quanto as concepções positivistas das ciências naturais, são conteúdos projetados a partir de uma historicidade regida pelos elementos simbólicos da vida prática, os quais são responsáveis pela consolidação das noções subjetivas que determinam a nossa compreensão.

2 Objetivo

A presente pesquisa teve como objetivo entender algumas das concepções apresentadas por Dilthey, em sua obra *Introdução às Ciências do Espírito*, e por Heidegger, em sua obra *Ser e*

Tempo, estabelecendo como fundamento o *problema ontológico da compreensão*. O problema é colocado como base do pensamento hermenêutico, sendo portanto um dos principais condicionantes para a superação do caráter ontológico-objetivista trazidos pelos conceitos clássicos da filosofia e das ciências naturais. Com efeito, visou-se a entender como o processo de compreensão corresponde à apreensão do individual em sua peculiaridade e significação subjetiva, sendo esta uma nova fonte para justificação da realidade. Assim, a compreensão será estipulada como elemento transgressor, capaz de efetivar o rompimento com as tradições metafísicas clássicas a partir de um novo fundamento expresso pela linguagem.

3 Metodologia

O artigo centraliza a sua investigação no emprego da hermenêutica como fonte filosófica principal, pretendendo demonstrar a maneira como os sistemas filosóficos e científicos são produtos de uma contextualização histórica, relacionada à experiência interna de cada sujeito, a qual fornece os desígnios para compreensão dos fenômenos. Deste modo, será mostrado que os conceitos ontológicos-objetivos convencionados pela filosofia e pelas ciências naturais não definem precisamente o funcionamento dos fenômenos “em si” mesmos, ainda que as enunciações reguladas por estes conceitos sejam sustentadas por coerência lógica. Nesta perspectiva, será assumido que as condições de possibilidade decorrentes do discurso filosófico e científico não descrevem fatos da natureza, mas somente versões interpretativas de fenômenos individuais coligadas a uma noção geral do ser.

4 Resultados e Discussão

Os critérios científicos são sempre referentes ao universo empírico. A busca pela explicação precisa desses conjuntos fenomênicos, posteriormente à virada epistemológica proporcionada por Copérnico no século XVI, passou a estar pautada em grandezas matemáticas que tornaram o universo perceptível, mensurável e homogêneo. Só por necessidades operatórias o pensamento científico se afasta do real empírico através de construções matemáticas. Estas, contudo, visam sempre ser a expressão, embora de natureza racional, dos processos reais. Do ponto de vista da textualidade específica da ciência, essa postura epistemológica refere-se ao conjunto de processos designadores de fatos reais que, em parte, existem independentemente do ato de designação.

A filosofia, contudo, destaca-se desta atitude. O seu objeto não é este ou aquele fenômeno empírico, mas a realidade enquanto tal. Ora, a realidade enquanto tal surge apenas sob a forma de uma *totalidade*, isto é, de um universo devidamente organizado, que, em última

instância, não é paradoxalmente real mas uma pura construção do espírito. Nesse sentido, considerar o texto filosófico como um indicador fechado em si é uma atitude necessariamente inviável. O universo a que o texto filosófico se refere, diga-se assim, é constituído pela interligação operatória dos conceitos. Dir-se-á com isso que o texto filosófico é muito significativo para o ambiente acadêmico e científico, pois além de permitir significações que estão atribuídas a um sentido global, integra os elementos heterogêneos numa totalidade harmônica. O conceito possui, assim, no interior do exercício filosófico, dignidade muito valorativa, tanto quanto àqueles resultados obtidos pela prática empírica, técnica e experimental.

Assim, torna-se evidente a importância deste projeto de pesquisa. Pensar historicamente, filosoficamente e criticamente o mundo em que se vive, através do exercício hermenêutico-filosófico, torna o sujeito pesquisador e todas as pessoas envolvidas no projeto, cientes da importância da reflexão filosófica no meio acadêmico e no atual cenário global em que se vive.

5 Conclusão

Concluiu-se, portanto, que o caráter preponderante e objetivo das conceituações metafísicas e ontológicas, que demarcam os contextos filosóficos/científicos, deve ser compreendido em sua sistematização linguística, tendo como base as manifestações fenomênicas atreladas ao discurso, exprimindo não a função do objeto “em si”, mas apenas um *modo de ser* deste objeto “para mim”. Distinguindo-se do estatuto ontológico-objetivista das tradições clássicas, a hermenêutica fixa como base de suas investigações a própria linguagem, sendo esta a fonte principal para o desempenho da filosofia atual. No entanto, os enunciados linguísticos não são em si mesmos coisas unívocas, capazes de instituir a realidade em si mesma. São antes noções discursivas que derivam de determinados pontos de vista. Neste sentido, considera-se que a linguagem, em sua função geral, providencia os “modos de acesso” ao ser das coisas, não objetivamente, mas antes subjetivamente. Assim, torna-se possível a verificação de que as noções filosóficas constituídas pela hermenêutica têm como condição única a apreensão do individual em sua singularidade, cuja compreensão dos elementos apreendidos se deve a um conjunto de manifestações que prescrevem a vivência de cada sujeito mediante elementos simbólicos.

Referências

CORETH, Emerich. **Questões Fundamentais de Hermenêutica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. Tradução: Carlos Lopes de Matos.

DILTHEY, Wilhelm. **Introdução às ciências humanas**: Tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. Tradução: Marco Antônio Casanova.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Campinas: Editora Unicamp, 2012. Tradução: Fausto Castilho.

RUEDELL, Aloísio. **Da representação ao sentido**: Através de Schleiermacher à hermenêutica atual. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

Palavras-chave: Linguagem; História; Ciências do Espírito.

Fonte de Financiamento: PROBIC/FAPERGS